

4

Metodologia

4.1

Participantes

Participaram deste estudo três mães adotivas, três pais adotivos e três filhos adotados tardiamente em famílias que já tinham filhos biológicos. As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio de 2009 e setembro de 2010. A idade das crianças, na época em que as mães e os pais adotaram, variou entre dois anos e nove anos. A idade dos filhos adotivos entrevistados, na época da adoção, variou de seis e doze anos. Todas as mães e pais entrevistados, assim como, a filha 3, são casados. Os participantes foram selecionados em grupos de apoio à adoção no estado do Rio de Janeiro, onde encontramos diversas famílias que passaram pela experiência da adoção de crianças maiores. Foi feito um convite durante as reuniões solicitando voluntários para participar da pesquisa, alertando que suas identidades seriam preservadas.

Mães adotantes:

- **Mãe 1:** 39 anos, gerente de loja, classe média, moradora de Niterói, e uma filha adotiva de 5 anos. Casada e participante ativa do grupo de apoio à adoção de sua cidade. Entrevista realizada em maio de 2009.
- **Mãe 2:** 35 anos, comerciante, classe média, moradora do Recreio, Rio de Janeiro, mãe de três crianças adotivas de 8, 6 e 4 anos e casada com funcionário público. Entrevista realizada em novembro de 2009.
- **Mãe 3:** 30 anos, dona de casa, classe média, moradora de Sulacap, Rio de Janeiro, mãe adotiva de duas meninas de 8 e 4 anos e casada com professor do estado. As meninas vieram do norte de Minas Gerais. Entrevista realizada em abril de 2010.

Pais adotantes:

- **Pai 1:** 40 anos, administrador de empresas, classe média, pai de três filhos adotivos, dois meninos de 9 e 4 anos e uma menina de 7 anos. Morador da Penha, Rio de Janeiro. A entrevista foi realizada em julho de 2010.
- **Pai 2:** 45 anos, gerente de restaurante, classe média, pai de dois filhos do primeiro casamento com 20 e 22 anos e pai de uma menina adotiva de 13 anos. Morador de Bangu, Rio de Janeiro. Casado com uma funcionária pública. A entrevista foi realizada em agosto de 2010.
- **Pai 3:** 36 anos, fisioterapeuta, classe média, pai adotivo de duas meninas de 9 e 3 anos. Morador da Freguesia, Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Casado com uma professora do estado. A entrevista foi realizada em setembro de 2010.

Filhos adotivos:

- **Filha 1:** 25 anos, universitária, moradora de São Gonçalo, trabalha em um abrigo de crianças e foi adotada aos 14 anos por uma mãe solteira que, na época da adoção, tinha uma filha biológica e dois filhos adotados. A entrevista foi realizada em setembro de 2010.
- **Filho 2:** 22 anos, universitário, natural de Curitiba, Paraná, trabalha no comércio e foi adotado aos 12 anos com sua irmã que, na época, tinha 10 anos. Foi adotado por um casal que, na época da adoção, já tinha dois filhos biológicos e dois adotados. A entrevista foi realizada em setembro de 2010.
- **Filha 3:** 21 anos, universitária, moradora de Jacarepaguá, casada, sem filhos e foi adotada aos 6 anos por um casal que, na época da adoção, já tinha três filhos biológicos. A entrevista foi realizada em outubro de 2010.

4.2

Procedimento

No primeiro contato com os participantes, foi esclarecido o propósito da pesquisa e a forma como seria realizada. Foi solicitada uma autorização para que a

entrevista fosse gravada com a garantia de manutenção de confidencialidade. Agendadas as entrevistas, passou-se à execução das mesmas. As informações obtidas foram depois transcritas e analisadas, através da técnica de análise de conteúdo. A análise das entrevistas foi realizada, segundo o modelo de Bardin (1991). Como aponta a autora, a análise de conteúdo se utiliza de categorias para a sistematização de dados.

Em nosso estudo, os dados foram agrupados em 5 categorias, sendo algumas categorias divididas em subcategorias: a motivação dos pais para adotar; o preconceito na adoção; o processo jurídico na adoção; a importância dos grupos de apoio à adoção; a criança na nova família.

4.3

Análise dos dados

A motivação dos pais para adotar

Os resultados da pesquisa revelaram que a motivação para adotar uma criança está relacionada a situações que podem ser observadas a partir das seguintes subcategorias:

- a) Esterilidade de um ou de ambos os pais

A maioria dos pais adotivos afirmou que a esterilidade foi o aspecto predominante na motivação para adotar uma criança.

“eu não sei o que tenho, o médico disse que tudo está normal comigo, mas, não engravido e já estava cansada de ficar esperando, infelizmente sei que não posso ter filhos” (mãe 1)

“Dois anos depois eu e meu marido resolvemos entrar nesse caminho, eu não engravidei, não quis fazer tratamento e fiz só exames, não deu nada, aí eu pensei: eu não vou ficar esquentando minha cabeça não. Além disso, eu pensei: eu não tenho dinheiro para fazer esses tratamentos, é muito sofrimento! Quem passa por tratamento de fertilização sempre fala, é muito sofrimento. Adoção não, tá aí, você vai lá dá entrada e espera teu filho chegar. É são 100% de chance!” (mae3)

“Com o passar do tempo, suspendemos a medicação que a minha esposa tomava e começamos a tentar a gravidez. Passado um tempo a gravidez não veio,

fizemos exames, investigamos e descobrimos que não podíamos ter filhos, havia uma impossibilidade tanto minha quanto dela. Tanto eu como ela nos submetemos a uma cirurgia, não tivemos um resultado satisfatório, e partimos para a inseminação artificial, e fizemos 3 tentativas, uma delas foi frutífera e é como uma montanha russa, você tem aquela expectativa de que você está grávida, de que você vai ter um filho e depois vem o exame de gravidez dando um resultado negativo e aí a montanha russa vai lá embaixo outra vez e é um sentimento muito triste. Levamos um tempo para percebermos que poderíamos ser pais de outras formas, que é a via adotiva”. (pai 1)

“E a minha esposa atual gostaria de ter filhos, mas teve muito problemas de saúde, teve 2 trombozes, e outros problemas que dificultaram uma gravidez” (pai 2)

“descobrimos que minha mulher tinha endometriose e com comprometimentos para a gravidez, fez algumas cirurgias, destruiu uma das trompas e com tempo o útero já não servia para mais nada. Então a idéia de adoção demorou muito já que a gente já sabia que não poderia ter filhos, assim pensar mesmo em adoção demorou um tempo. Quando resolvemos, fomos na comarca de Madureira e demos entrada ao processo de habilitação que durou mais ou menos 1 ano para ficar pronta.” (pai 3)

Os testemunhos dos entrevistados corroboraram as pesquisas de autores como Lenvizon (2005) e Diniz (1993) os quais afirmam a existência de uma dor oriunda da impossibilidade física de gerar filhos. Entretanto essa dor profunda não imobiliza os pais na busca da realização de ter filhos.

b) O desejo de ter filhos

Em todos os casos pesquisados, os casais mostraram a necessidade de realizar o sonho de ter filhos. Se não biologicamente, através da adoção. A primeira opção das mães adotivas foi estar grávida, e conseqüentemente, tornar-se mãe.

“A forma que as crianças vieram para mim não foi da forma que eu havia planejado, eu não consegui ficar grávida. Mas agora eu me sinto feliz, com um grande aprendizado, realizada, a minha ansiedade baixou muito e pouco a pouco a ficha vai caindo. O que eu queria mesmo era ter meus filhos para poder cuidar e dar amor”
(mãe 2)

“No início da minha vida de casado eu sempre quis ter uma menina, não sei se é porque eu não curto brincadeiras de menino, como jogar futebol e outros tipos de esportes. “Quando a gente casou, nunca evitamos filhos, mas nunca tivemos filhos e eu e minha mulher queríamos ter filhos” (pai3)

“Ter filhos foi algo que sempre imaginei, desde que eu era pequena me via cheia de filhos, era um desejo diferente das minhas amigas”.(mãe 3)

“A princípio minha esposa desejava muito um bebê, mas como nós somos catequistas, trabalhamos com muitos jovens da igreja, quando surgiu a oportunidade de uma menina maior, adotamos. Afinal ela queria ser mãe, ter filhos” (pai 2)

Estes dados confirmam as postulações de Bydlowski (2004) que ressalta o desejo de ter filhos como oriundo de um desejo inconsciente, implicando poder ir além da gravidez e pensar no filho como distinto de si.

c) O sonho de família

Nesta subcategoria, um pai e duas mães, assim como dois filhos adotados, relataram o desejo de ter uma família como as demais pessoas que conhecem, estabelecendo, assim, ligações afetivas e amorosas.

“Estávamos casados há 9 anos, e durante o início do casamento nós não queríamos ter filhos, queríamos aproveitar nossa vida de casados e desfrutar o máximo possível, e aí viajamos bastante, investimos na área profissional, e deixamos o tempo passar. Com o passar do tempo, começou a surgir o desejo de ser pai e de ser mãe, de ter uma família e começamos a pensar nessa possibilidade e o que aconteceu: tomamos a decisão de sermos pais, de construir uma família independentemente de serem ou não filhos biológicos” (pai 1)

“Queríamos ser como as outras pessoas que nos rodeavam, ter uma família normal, com filhos, cachorro, passarinho, enfim uma família como as outras mas sem filhos isso seria impossível, assim optamos adotar” (mãe 3)

“Depois de um tempo a gente viu que faltava alguma coisa na nossa vida. Víamos os filhos de nossos amigos crescendo e a gente, só nós, sem mais ninguém. As vezes eu pensava se um casal sem filhos era uma família, eu achava que não, precisávamos de filhos e aí veio as meninas.”(mãe 2)

Por exemplo, toda essa situação com o meu padrasto, e quando eu vivi com a minha mãe, me gerou muitas culpas, Aí fiquei no abrigo, 14, 15 e sempre muito desgostosa com a minha vida. Eu sempre sonhei em ter uma família, quando eu estava com 15 anos, vi que o tempo já havia passado e eu precisava pensar como faria quando tivesse 18 anos e tivesse que sair do abrigo, foi nessa idade que conheci minha mãe adotiva.(filha 3)

Quando via alguém deixar o abrigo porque havia sido adotado, eu imaginava que um dia seria eu junto com minha irmã. Era um sonho que todos nós tínhamos lá no abrigo, ver uma família chegar e lavar a gente, mas conforme o tempo foi passando esse sonho foi passando também.(filho2)

Como postulado por Levi-Strauss (1986), os entrevistados manifestaram que a íntima ligação que se pode estabelecer entre os membros da família não passa, necessariamente, pela consangüinidade, mas também pela demanda de uma troca afetiva, de continuidade e de reconhecimento social.

O preconceito na adoção

Esta categoria permitiu observar que o preconceito com relação à adoção existe na sociedade em geral, como também nos familiares. Isto pode ser observado a partir das seguintes subcategorias:

- a) o preconceito sentido pelos pais adotivos

Todos os entrevistados relataram algum tipo de preconceito com relação à adoção, corroborando com autores como Weber (2009), Vargas (1998) e Crochik (1995), que deram ênfase ao preconceito como fenômeno psicológico, fruto do processo de socialização de cada indivíduo, muito freqüente nos casos de adoção.

“Olha, todo mundo tem me apoiado, é claro que às vezes a gente passa por certo preconceito como foi o caso do chefe do trabalho do meu marido que insinuou que meus filhos eram um sortudos e coitadinhos. Bem, meu marido chegou um dia no trabalho e mostrou para o chefe as fotos das crianças na piscina. O chefe olhou e depois disse: É essas crianças estão “aproveitando” bastante! Na hora meu marido não entendeu muito bem, o tom da afirmação e quando ele me contou eu simplesmente disse: é o que muita gente pensa, os filhos adotados só servem para isso, se aproveitarem dos pais adotivos.” (mãe2)

“a realidade é essa, tem muita gente ainda com muito preconceito com relação à adoção como se um filho biológico não fizesse o mesmo que um filho adotado”. (mãe 1)

“Na verdade, eu nunca tive a cabeça contra a adoção, desde nova eu sempre achei uma coisa muito legal, e nem pensava que algum dia poderia haver a idéia de adoção. E é engraçado porque minha mãe tem uma amiga que está casada há 30 anos, fez todos os tipos de tentativas para ficar grávida e nunca conseguiu, e até hoje não abre a cabeça para a adoção inclusive ela falou assim: você está louca, de querer adotar, antes de eu conhecer minhas filhas e eu falei para ela que eu queria adotar e ela não entendeu”. (mãe 3)

A princípio, o pai 2 negou qualquer tipo de preconceito, mas, ao relatar a atitude do próprio pai, acabou reconhecendo que a reação deste demonstrou preconceito em relação à decisão do casal.

“Não, não, a gente não percebeu isso não. Talvez porque a gente vem falando disso há muito tempo. Todo mundo adora, todo mundo adorou a idéia. Os vizinhos a gente não tem muito intimidade, nós somos novos aqui, então nunca tivemos nenhum problema com isso, não. Quanto à família a gente vem preparando o terreno desde que a gente entrou com o processo. A única coisa assim que se poderia falar foi o meu pai. Quando a gente falou em adotar uma criança, ele disse: vocês estão malucos, problemas de vocês, não quero nem saber. Então eu falei está bem, eu vou muito pouco lá a casa dele, então da última vez que a gente foi, ele perguntou: e aí, cadê a criança pensei que vocês iam trazer a criança.” (pai 2)

“A gente para tomar uma decisão dessas tem que estar muito segura do que está fazendo para não sofrer com a opinião dos outros. Até hoje quando eu conto a história dela para alguém, vem aquele espanto misturado com uma crítica, eu nem ligo e sigo em frente” (mãe1)

b) O preconceito sentido pelos filhos adotivos

Outra demonstração de preconceito observada nas entrevistas, é a vivida pelos filhos adotivos. Os três filhos adotivos afirmaram que sentiram algum tipo de discriminação tanto por parte de amigos quanto dos próprios familiares.

“No primeiro colégio que frequentei depois de ser adotado, percebia por parte de alguns meninos que eles me olhavam diferente. Alguns nem se aproximavam de mim. Acho que o fato de ter vivido em abrigo, as pessoas tinham medo que eu fizesse alguma coisa errada, sei lá, que eu podia roubar alguém, não sei bem o que era, mas sei que eles não queriam ser meus amigos. “A sorte é que o meu pai adotivo era militar e um ano depois a gente mudou e aí foi mais fácil, pois ninguém conhecia a gente e eu me senti melhor”. (filho 2)

“Claro que a gente é visto de forma diferente. Se eu tivesse sido adotada desde bebê, talvez fosse mais fácil disfarçar, mas quando cheguei na nova casa, todo mundo da vizinhança sabia de onde eu vinha, sabia que eu era diferente, acho que havia até umas mães que não queriam me ver junto das meninas.” (filha 3)

“A minha mãe tem uma irmã que não vai com a minha cara, ela acha que minha mãe fez uma maluquice me adotando, eu sei que tenho personalidade forte mas o problema com ela é que ela não gosta de mim por que não tenho o sangue dela” (filha 1)

As falas dos entrevistados confirmam o que foi ressaltado por Weber (2008) como sendo o preconceito um sentimento generalizado, manifestado pelas

peessoas, que agem como se tivessem medo daquilo que os adotados pudessem fazer. Segundo a autora, esse tipo de preconceito atua como amarras existenciais dificultando o relacionamento do filho adotivo no seu meio social.

O processo jurídico na adoção

Quatro entrevistados revelaram grande insatisfação com a questão jurídica no que se refere ao processo que envolve a adoção. A conduta do juizado traz insegurança aos candidatos e muita ansiedade.

“o processo do juizado é muito lento e complicado. A gente sabia que a criança já estava disponível, mas eles demoram e atrasam muito. É muita burocracia”. (mãe 1)

“Nós freqüentamos a Dra. Rose, o grupo dela em Madureira. Quando nós resolvemos adotar a nossa filha, a minha esposa procurou a procuradoria e ela saiu muito revoltada porque praticamente disseram que iam tirar a menina da gente, porque ela não podia estar com a gente, pois tinha que ter um processo, aquele negócio todo, então ela quase se aborrece com todo mundo aqui e aí foi quando conhecemos a Dra. Rose, por intermédio da madrinha, a juíza que fez o caso da irmã da A. e fez todo o processo e agora não temos mais nenhum problema. Nós tivemos que buscar um advogado para podermos resolver tudo. E então desde daí nos freqüentamos o grupo, vamos sempre”. (pai 2)

“Bem, a espera traz muita ansiedade, às vezes eles (o juizado) ficavam meses sem falar com a gente, é muito difícil essa espera sem informação, é como se o nosso desejo de encontrar nossa criança fosse algo sem importância para eles. A gente não tem a barriga gerando o nosso filho, mas tem o coração batendo forte querendo saber onde ele está”. (mãe 2)

“os profissionais parecem não estar nem aí com a gente. Disseram-me que para as coisas saírem mais rápido é preciso estar em cima, ligando, indo lá e foi o que a gente fez, pois se forem esperar, os papeis nunca saem” (pai 1)

Como ressalta Winnicott (1945), a demora, a falta de informações e o descaso levam os pais a um grande sofrimento, transformando a adoção em uma coisa ruim.

A importância dos grupos de apoio à adoção

Esta categoria permitiu observar a importância dos grupos de apoio à adoção na preparação e no esclarecimento de mitos e crenças, para os futuros pais.

Os entrevistados relataram que puderam enfrentar os medos e as angústias trocando experiências com outras pessoas envolvidas na temática da adoção.

“Uma coisa que ajudou muito a gente foi os encontros com o grupo de apoio a adoção. Eu mesma fui desmitificando muita coisa, fui vendo que às vezes as coisas são mais simples do que parece. Nas reuniões do grupo, eu escutava muito aquela história que pessoas queriam adotar um bebê para sentir tudo que uma mãe sente, viver as experiências, e etc. Quando eu chegava a casa, eu pensava, será que preciso adotar um bebê para me sentir mãe? Será que a gente só é mãe se a criança chegar a nossos braços ainda como bebê? Comecei a ver que eu não precisava disso, que eu poderia ser mãe independente da idade” (mãe 1)

“Eu acho que qualquer pessoa que queira adotar, tem que passar por esses grupos. Eu, por exemplo, só comecei a frequentar quando cheguei ao Rio, depois que adotei e acho que teria sido melhor se eu tivesse começado a frequentar antes. A gente às vezes fica muito insegura se está ou não fazendo a coisa certa. Nos grupos a gente troca idéia, escuta outras experiências enfim é uma grande ajuda. Uma coisa que escutei muito é que adoção é para sempre. Que não tem volta. Precisamos estar preparados para lidar com as alegrias e com as dificuldades, assim como com os filhos biológicos”. (mãe 2).

A mãe 3, além de frequentar o grupo de apoio à adoção perto de sua casa, também pertence a um grupo de apoio virtual, que a mantém em contato com outras pessoas relacionadas com a adoção.

“(...) Depois comecei a fazer parte do grupo de apoio virtual, é muito legal também, a gente às vezes vai a outros grupos de apoio para conhecer. Eu me sinto muito envolvida, meu esposo não pode devido ao horário de trabalho dele, ele trabalha até dez da noite. Não tem horário para ele ir, ele até gosta, lê as matérias, sempre que encontro algo legal dou para ele, e ele acompanha tudo direitinho, mas não tem tempo para ir. E aí, antes das crianças chegarem, a gente estudou bastante, leu muito sobre o assunto, vimos vários casos, os depoimentos são muito importantes, né” (mãe 3)

“Foi algo que foi mudando naturalmente à medida que a gente foi se envolvendo nos grupos de apoio. Eu acredito que esses grupos de apoio são uma grande ferramenta para os casais que querem adotar. O grupo de apoio serve para desmistificar os mitos de adoção, os mitos de que só se adota bebezinho, que só se adota se for saudável, sem problemas, de olhos verdes ou olhos azuis, o grupo de adoção desmistifica e mostra que isso não é verdade. Eu tenho uma amiga que diz que criança de onze anos também diz papai e mamãe para você” (pai1)

As falas dos entrevistados confirmam o que é ressaltado por Schettini (2006) quando esta ressalta a importância de um suporte psicológico, que pode ser encontrado nos grupos de apoio, os quais permitem que os pais, troquem ideias e experiências, amenizando-lhes a angústia da espera e tornando sempre disponíveis

a testemunhar autênticas lições de amor, de dor, de frustrações e dedicação entre pais e filhos, matéria prima para a elaboração deste trabalho.

A criança na nova família

Esta categoria está relacionada com algumas etapas vividas pelos pais e seus filhos na construção da nova família. Tais etapas podem ser observadas nas seguintes subcategorias.

- a) o encontro dos pais com a criança, e da criança com os pais adotivos

A maioria dos pais afirmou que, ao encontrarem com seus filhos, sentiram que estes já lhes pertenciam, já a filha 3 e o filho2 não apresentaram nenhum sentimento significativo.

“Quando esse dia chegou foi muito bom. Logo que os vi, senti que era minha filha, não sei explicar, mas ela tinha um olhar de quem estava esperando por mim há tanto tempo” (mãe1)

“Felizmente dois meses depois eles me ligaram dizendo que tinham 3 irmãos (5 anos, 3 anos e 1 ano e seis meses) em outro estado e que deveríamos ir vê-los. Essa era uma condição minha, eu não queria tomar nenhuma decisão sem ver as crianças, eu acredito no feeling e precisava sentir isso. E foi exatamente o que aconteceu, quando cheguei e vi as crianças, meu coração apertou muito forte, foi diferente da outra experiência, totalmente diferente. A assistente social quando me olhou ficou com os olhos cheios de lágrimas. Eles eram lindos!!!! Sinceramente senti que eram meus filhos”. (mãe1)

“E foi interessante que quando chegamos ao abrigo, todas as crianças desceram e elas não. E quando eles desceram a menina já foi no colo da L. e o outro, de nove veio direto para o meu colo, e como levamos brinquedos para todas as crianças, ele veio para brincar e começaram a conversar com a gente, a brincar e a partir daquele momento a gente começou a se envolver e quando a gente voltou para casa, à gente falou, e agora? A gente respirou fundo e pensou, e agora? E agora vamos encarar, vamos em frente, são eles”. (pai 1)

Estes resultados corroboram o que é ressaltado por Levy (2009) quando esta afirma que o primeiro encontro com o filho adotivo pode ser o início de uma nova história, sendo este o momento inaugural marcado pelo nascimento e pela transformação daqueles novos pais em responsáveis pela existência daquela criança.

“A primeira vez que a gente conheceu as meninas, a impressão que tivemos é que elas não seriam nossas filhas, e para falar um “oi” foi uma dificuldade. A mãe velha estava jogando no computador e ali ela crianças que levaríamos para casa. (...) Não, na hora eu não senti nada. Não senti nenhuma proximidade. Não foi aquela coisa de vai “bater sininho” quando você vê o teu filho. Na segunda vez que a gente foi, foi diferente, a gente senti que houve mais abertura” (pai 3)

O pai 3 reconheceu que não teve nenhum sentimento especial no primeiro momento em que encontrou as filhas.

O comentário da mãe 3, que vemos a seguir, nos remete a Arnaud (2004). A autora afirma que o primeiro contato entre a criança e a mãe está fundado no olhar. Na adoção à distância, quando o primeiro contato é estabelecido através de uma foto, esse olhar adquire importância fundamental na construção de um laço afetivo, ainda que unilateral. A criança, que já foi escolhida como filha, “é filha de” mesmo não conhecendo sua mãe, que já se sente “a mãe de”.

“minha amiga estava planejando ir num abrigo em Minas e aí a gente havia combinado que quando fosse ao orfanato, para ela tirar uma foto de todas as crianças que estavam disponíveis para adoção. E com jeito ela conseguiu tirar uma foto, e nessas fotos tinha essa foto aqui (ela mostra a foto das meninas), tanto que foi essa foto que eu levei lá no grupo de adoção. E aí eu olhei para elas, e disse para meu marido: olha só a C. é a cara da minha mãe, então a C. era muito a cara da minha mãe, o jeito de olhar, muito parecida mesmo, esse foi o primeiro “encontro” que tive com elas e foi definitivo para querermos a meninas, elas tinham tudo a ver com a gente”. (mãe 3)

No caso da filha 3 e do filho 2, o vínculo foi criado ao longo do tempo por meio da convivência

Quando eu estava com 15 anos minha mãe adotiva, desenvolveu um projeto de apadrinhamento que inclusive não deu certo, mas era que as famílias da sociedade apadrinhassem umas crianças. A idéia não era adotar mas ajudar aquelas crianças que provavelmente não seriam mais adotadas. Eu lembro, como se fosse hoje, eu sentada resmungando, achando toda aquela idéia uma palhaçada, pensar num padrinho para me bancar, isso eu não queria, eu queria um padrinho para me tirar daquele lugar, isso era o que eu queria e o que aconteceu? fui a única a ser adotada.. Como ela era a presidente, foi ela quem recebeu os presentes e levou para casa e perguntou para a outra moça quem eu era e ela descobriu que ela era minha madrinha e aí eu abracei ela e dei um beijo nela. Interessante que nesse dia não gerou nenhuma expectativa, e no dia do evento foi bem legal, a gente ganhou presente, ganhamos roupas, muita coisa mesmo, e a minha roupa não deu, e aí foi a ponte de partida porque a gente teve que trocar, e fui junto com ela, a gente lanchou, e aí foi criando um vínculo, teve o aniversário do filho dela e ela ligou para o abrigo me convidando pedindo para eu participar. Foi engraçado que quando a minha distribuiu as fichas, as

peessoas na maioria queriam crianças e sobraram 3 adolescentes, e ela disse: ah, eu não quero criança não, vou ficar com essa de 15 anos, e era eu e ela nunca tinha me visto. (filha 3)

Quando meus pais chegaram no abrigo pra me conhecer, foi estranho, senti medo e ao mesmo tempo vontade de ir com eles. Eles foram lá, acho que umas três vezes antes de ir para casa deles. Hoje posso dizer que não foi fácil no início, eu parecia um boneco tentando fazer tudo certinho para não dá nada errado. Pra minha irmã foi mais fácil, mas para mim só tempo para que eu me sentisse como da família. Agradeço a eles pelo que fizeram por mim, mas acho que foi difícil para eles também. A verdade é que o amor vem com o tempo, não é imediato, claro que não é. (filho 2).

b) A adaptação da criança à nova família

Nesta subcategoria, ficou evidente que as dificuldades na adaptação da criança com a nova família são reais. Entretanto, a mãe 3 ressaltou que a adaptação das meninas foi tranquila, sem situações agressivas. Os demais entrevistados reconheceram que é necessário que se tenha paciência e amor para lidar com as diferenças de educação, hábitos, rotinas, entre outros comportamentos que as crianças trazem da vida anterior. Em alguns casos, a integração da criança à nova família é mais difícil, requerendo maior preparação por parte dos pais adotivos (Weber 2002).

“Pois é, eu e meu marido ficamos doidos, pois tudo era muito novo e com três crianças, imagina só. Além disso, elas chegam com antigos hábitos, modos e pensamentos que no começo é muito difícil mudar. Foi preciso muito amor e paciência, pois na verdade eles não têm culpa de adquirirem hábitos diferentes dos nossos, essa questão é um desafio! Porém quando olho para trás vejo que foi tudo que precisávamos para estarmos certos da nossa decisão. Ao chegarmos ao Rio comecei a telefonar para todo mundo falando do grande presente que havíamos ganhado” (mãe 2)

“Ela tem o jeito dela de ser e nós temos o nosso jeito de ser e fazer as coisas então há uma dificuldade de entrosamento, que não é sempre, mas que no começo foi maior. Agora está mais tranquilo. Por exemplo, a questão da autoridade, ela vivia sem cuidados, sem limites, sem limpeza com o corpo. Introduzir tudo isso a ela, mesmo ela tendo vivido por um tempo num abrigo foi bem difícil. Parecia que ela queria nos testar, ver se a gente queria mesmo ficar com ela para sempre. Até na hora do banho era um problema. Eu acho assim, que ela, e as outras crianças maiores trazem uma grande dificuldade de se depararem com aquela referência materna e paterna, porque mesmo chegando pequena ela sempre viveu muito descuidada, tendo desde novinha que tomar conta de si mesmo. Parece mentira dizer que uma criança de 5 anos cuidava de si mesma, mas é a lei da sobrevivência.” (mãe 1).

“Olha na primeira noite que ficamos com elas, a C. dançou a dança do créu, e vimos que elas estavam muito felizes, comeram tudo o que viram pela frente, não haviam visto tanta comida, apesar de terem uma boa alimentação no abrigo. Inclusive nesse abrigo elas foram muito bem preparadas para adoção. Com muito carinho elas foram muito bem orientadas. Eu fiquei impressionada pela educação que elas receberam nessa instituição, que é coordenada por freiras. A adaptação das meninas a nós foi normal sem nada que me chamasse muito à atenção” (mãe 3).

“É como eu falei, ela foi mãe até os 12 anos, ela cuidava dos irmãos pequenos, então, quando ela veio para ser filha, ela adorou, por quê? Ela nunca teve aquele cuidado de uma mãe ou um pai cuidar dela, de brigar, de botar de castigo, aquelas coisas que os pais fazem, porque a gente bota de castigo. Eu já tomei o celular dela varias vezes, porque ela fica só de mensagem com os amigos, algumas coisas que ela precisa entender que tem uma lei, então eu deixo claro para ela que ela tem pai e tem mãe e que tem regras para serem obedecidas. Eu explico para ela que até ela ter a maioridade ela tem que seguir as nossas regras, e ela foi entendendo”. (pai 2)

c) O comportamento agressivo da criança

Nesta subcategoria verificou-se que o pai 1, o pai 3 e a mãe 1 relataram algum tipo de agressividade por parte da criança.

“A primeira dificuldade foi no primeiro dia, logo no primeiro dia, ao contrario do que diz a literatura, que as dificuldades surgem um tempo depois, no nosso caso foi logo no primeiro dia. Eles chegaram, nessa época eu tive que fazer obra e não tinha um quarto para todo mundo e eles tiveram que dormi juntos num quarto e nós no outro quarto. E aí surgiu uma briga entre a T. (8) e o A.(9), e ela pegou um cinzeiro e jogou contra a parede da sala e espatifou todo o cinzeiro. A gente chegou perto dela e disse que aqui nessa casa não se quebra nada de propósito, você não pode ficar azucrinando todo mundo por que você quer chorar e gritar, as pessoas queriam ver televisão ou o outro queria jogar então a saída era ela ir para o quarto, vai ficar de castigo, e nessa noite ela chorava, gritava compulsivamente, gritava: socorro, socorro, ninguém me ama, ninguém me quer, socorro. Isso ela na cama, durou uma hora e meia e eu fiquei perto do quarto, ao lado da porta escutando o que ela gritava e preocupado com aquilo que estava acontecendo e quando ela se acalmou. No começo quem mais nos deu problemas foi a T. Ela deu outros ataques, com muita agressividade, mas depois foi parando e hoje ela está super bem, a gente consegue olhar para ela e ver a sementinha plantada no coração dela”. (pai 1)

“E aí, começaram os problemas de filhos, que a gente nunca havia tido. Foram coisas que aconteceram e que não haviam acontecido naquela época do apadrinhamento. A gente sabia que a mais nova era muito manhosa, que a mãe social dizia que ela chorava, fazendo muita birra. E a gente percebeu que ela começou a ficar muito agressiva, de berrar, de acordar o prédio inteiro. E a agressividade a gente não tinha visto ainda, isso durou de três a quatro meses. Houve uma época de surto mesmo. A primeira opção que a gente teve foi de conter, ou seja, a gente a segurava até parar. Sentava no sofá com ela e

segurando ela a gente esperava ela parar. Uma hora ela tinha que parar, pois ela ia cansar. Mas isso às vezes acontecia lá pelas duas ou três horas da manhã. Ela começava a chorar, compulsivamente e não havia nada que fizesse parar. “E ela gritava muito, a ponto da gente ficar preocupado com os vizinhos, com a polícia, conselho tutelar, enfim era um escândalo”. (pai 3)

“Depois que passou a fase da mais nova, começou a mais velha. Gritava por qualquer coisa, chutava tudo, jogava tudo no chão, a mesma coisa que a outra fez, começou a mais velha. A única coisa que a mais nova fazia que a outra não faz é tirar a roupa, mas fora isso é a mesma coisa, com menos frequência. E a gente já percebeu que o que está acontecendo agora é muito ciúme da mais nova. Por ser mais novinha, é mais engraçadinha para os outros e chega alguém aqui às atenções são todas voltadas para a mais nova e ela está sentindo muito isso. E ela acha que todo mundo gosta mais da mais nova, e é um fato, todo mundo que chega aqui fala: ah! Que gracinha, tão bonitinha, e ela fica na dela. E quando a gente conversa com ela, ela diz que quer três anos de idade de novo, aí eu falo para ela, que eu também quero ter três anos de novo, pois fico livre de todas as minhas responsabilidades, não preciso trabalhar enfim voltar a ser criança é mais fácil mesmo, é o que eu falo para ela”. (pai 3)

“Olha, uma coisa importante que percebo na adoção tardia, eu acho que, a gente como pai e mãe devemos compreender que também é difícil para a criança esse processo de identificação com a família. Ela quando chegou ficava desconfiada de tudo, era muito agressiva. É preciso entender que há certas coisas que não podemos exigir delas. Às vezes sinto que minha filha está sempre querendo ter a certeza de que não vou desistir dela.” (mãe 1)

Estes resultados corroboram as postulações de Anzieu (1985) de que os comportamentos agressivos e muitas vezes regressivos estariam relacionados ao processo de adaptação da criança à nova vida familiar, requerendo dos pais adotivos maior flexibilidade para atenderem as suas necessidades. Também consoante as falas dos pais entrevistados, Vargas (1998) afirma que os pais adotantes, em demonstrações de agressividade por parte de seus filhos, além de flexíveis, precisam manter-se firmes e seguros o suficiente, para suportar toda a carga emocional extravazada pela criança pois, frequentemente, essa agressividade é endereçada àqueles que as abandonaram.

d) A família biológica na memória da criança

Nesta subcategoria foi observado o desejo das crianças de falar da mãe e da família biológica, assim como da vida anterior à adoção. Com exceção do pai 3, todos os pais entrevistados afirmaram que as crianças têm total liberdade de

falar sobre sua vida anterior à adoção, inclusive falar da mãe biológica, permitindo que a história da criança não seja anulada ou arquivada.

“Às vezes ela do nada falava da família biológica. Quando ela estava com a família biológica, ela ia para rua com os irmãos mais velhos e passava todo o dia por lá, comia o que lhe davam, fazia suas necessidades na rua enfim uma vida totalmente diferente da que ela encontrou aqui. Tinha vezes que ela ficava sem comer para dar para os irmãos o que havia conseguido na rua. Era difícil para eu ouvir essa história, mas ela precisava falar e eu deixava”. (mãe 1)

“Os dois maiores as vezes queriam falar da mãe biológica, de como era a vida deles, da casa onde moravam, eu nem ligava, deixava eles falarem sempre que queriam e o que queriam. Acho que assim é melhor, um dia eles acabam deixando isso de lado”. (mãe 2)

“Elas falavam muito da vida passada, e eu as deixava elas falarem até esgotarem, cansarem de falar. Eu nunca impedi que elas não falassem o que queriam. E eu também perguntei algumas coisas para elas, por exemplo, como era a mãe biológica e elas falaram que a mãe era muito carinhosa, mas era alcoólica e isso levou ela perder a guarda das meninas. E na verdade elas contaram outras coisas, elas têm marcas no corpo, de cigarro, de facada, elas têm no corpo e a A., a mais velha tem marca de facada e também sofreu abuso sexual, não foi estupro, mas foi aliciada. E elas falam que não passaram fome, mas que comiam farinha para não sentirem fome. Farinha com óleo, com açúcar, farinha com alguma coisa”. (mãe 3)

“Ah! ela já falou muito, das dificuldades, dos problemas que passaram, ela tem toda a abertura para falar tudo o que ela sentir vontade de dizer. Ela fala muito que o pai dela chegava ao final do mês com o pagamento e comprava salsicha chegava a casa dava uma para cada filho, coisas assim bem difíceis, ela sempre contava para gente, coisa de nunca ter comido uma carne, um bife”. (pai 2)

“Uma coisa que a gente ficou até surpreso, e que a gente não sabia, é que desde que elas vieram para cá a mais velha no início começou a se referir à mãe biológica como mãe. Com isso, a minha mulher pediu para ela quando quisesse falar da mãe biológica, se referir a ela pelo nome, e não como mãe, pois agora a mãe dela era a minha esposa. No início quando eu estava com a minha “mãe”, e depois disso parou. E uma das coisas que a psicopedagoga falou para a gente é que quando ela está, com ela, a S. fala muito da mãe biológica, pede para ela levá-la para ver a mãe, diz que está com saudades dela, e com agente aqui ela nunca mais falou.” (pai 3)

Dolto (1998) ressalta a importância de a família adotiva permitir que a criança fale sobre a sua história, reconhecendo o seu direito de abrir esse “arquivo” sempre que desejar.

Os filhos entrevistados também expressaram o desejo de falar da família biológica. Porém, demonstraram algum receio ao falar na frente dos pais adotivos, como no caso da filha 3 e do filho 2.

“Eu sei que a minha mãe biológica não gostava de mim, não ia gostar a partir daí, enfim foi uma decisão muito ruim. Eu não sei se eu fui aquele filho que você não deseja, sabe aquela coisa que você não quer, mas que você tem que aturar que engolir. Então com 6 anos eu já fui para o primeiro abrigo, e aí eu fiquei lá até... eu sempre falei tudo o que eu achava da minha mãe biológica para a minha mãe, às vezes ela tentava aliviar as coisas, mas eu sei que minha mãe não gostava de mim. A mãe que me ama de verdade é essa que tenho desde 14 anos” (filha 1)

“eu às vezes sentia que precisava falar da minha mãe, às vezes queria voltar para perto dela, mas eu sabia que não podia dizer isso para ninguém. Não lembro bem das coisas daquela época, mas sei que no início eu falava da minha mãe biológica para meu pai, para minha mãe adotiva nunca falei nada” (filha 3)

“como eu fui adotado junto com a minha irmã, a gente falava muito sobre a mãe e o pai, mas nunca na frente de nossos pais adotivos, não sei por que, mas sentia que minha mãe adotiva não gostava muito, mas entre eu e minha irmã a gente conversava muito. A gente não se esquece da vida anterior, mesmo sabendo que essa vida agora é melhor, a gente nunca esquece. A última vez que vi minha mãe eu tinha 4 anos, mas ainda hoje me lembro dela” (filho2)

Estes dados confirmam as postulações de Weber (2008), segundo as quais os filhos não conversam com os pais adotivos sobre a sua história porque não gostam ou não se sentem confortáveis com tal conversa.

A vida da criança na instituição

No que diz respeito à vida anterior à adoção, os filhos adotivos manifestaram algumas das dificuldades que vivenciaram em instituições que os abrigaram. Seus relatos são permeados de lembranças, às vezes dolorosas. Mas o desejo e o sonho de ter uma família faz parte de todas as narrativas colhidas.

“E eu queria muito sair do abrigo, era a minha tábua de salvação, qualquer pessoa que aparecesse ali eu ia. Eu era igual a cachorro, sabe? Quando você faz assim com o cachorro e ele vem correndo, era eu. Cheguei a morar com um casal por um ano, mas o cara me queria como mulher e não como filha e aí quando eu voltei, eu voltei arrasada. Esse abrigo tinha uma vantagem porque ele dava um suporte para a gente, de escola, a gente podia fazer uns cursos, e foi assim que

eu comecei a pensar. Eram um abrigo só de meninas, de 12 a 18 anos e isso foi bom porque eu não passei situações mais difíceis que normalmente acontecem em outros tipos de abrigos. Mas você sempre sonha que um dia alguém vai te tirar dali e te dar uma família de verdade” (filha 1).

“não posso reclamar muito dos abrigos que vivi, mas mudei muitas vezes. É difícil, a gente é uma criança e sonha como qualquer outra criança. Às vezes eu tinha piolho e cortavam meu cabelo que parecia homem, eu chorava muito, pois queria ter cabelo de menina, tinha umas pessoas que cuidavam da gente que eram legais, mas outras eram muito emburradas, só estavam ali para brigar. Nunca fui abusada, eram abrigos para meninas” (filha 3)

“para mim viver num abrigo foi horrível, havia muita coisa errada, os mais novos sofriam com os maiores, todo tipo de coisa. Fui abusado pelos meninos grandes muitas vezes e isso até hoje me perturba muito pois me confunde a cabeça. Morei em 4 abrigos diferentes. Para minha irmã foi mais fácil mas para mim acho que sofri muito, são as piores recordações que tenho na vida” (filho 2).

De acordo com os relatos dos filhos adotivos entrevistados, o abrigo onde viviam era visto por eles, como um lugar de onde pretendiam sair na condição de filhos integrantes de uma família. Estes relatos confirmam o que postula Elias (1994) quando afirma que a passagem da criança por essas instituições deve ser a mais breve possível, preparando-a para desligar-se desse ambiente que a acolhe temporariamente, uma vez que o objetivo é integrá-la em uma família, na condição de filha.

Concluimos, enfim, que fatores como o preconceito com a adoção tardia, os mitos e crenças envolvidos na questão, a falta de apoio psicológico, a dificuldade de entender a criança com toda a sua história, podem contribuir de forma negativa para a construção da nova família. Por outro lado, frequentar grupos de apoio à adoção e estar emocionalmente preparado para lidar com os altos e baixos da criança que chega como uma estranha, apresenta-se como um fundamental recurso para uma convivência mais saudável, tanto para a criança quanto para os pais adotivos.